

COISAS DA POLÍTICA

■ DORA KRAMER

Entre razão *eleição Presidencial* e emoção

Não adiantou nada o governador Mário Covas repetir quinhentas vezes que é absolutamente inadequado o PSDB falar agora em candidaturas à presidência pois, segundo ele, isso equivale à defesa do impeachment de Fernando Henrique Cardoso.

Pois o governador de São Paulo chegou ontem a Brasília para a convenção que hoje elegerá a nova direção do partido, e aconteceu o inevitável: foi recebido como candidato a presidente, considerado candidato a presidente e, com alguma liberdade na interpretação de intenções e gestos explicitados ali, tratado já como presidente.

Ele sabe perfeitamente que existe um *gap* entre a racionalidade que aconselha um freio nos debates sucessórios e a emocionalidade de um partido que vê na figura de Covas a retomada do caminho que sofreu um desvio com a aliança feita para eleger Fernando Henrique presidente em 1994.

"Eu sei que meus argumentos não são suficientes para queimar as paixões." Não obstante, Mário Covas insistirá hoje, em seu discurso que antecederá o de Fernando Henrique no encerramento da convenção, na tese de que não é conveniente discutir já quem será o candidato. Se necessário for, promete, rejeitará explicitamente as homenagens que, por vezes na base da ironia, considera que guardam mais relação com o drama pessoal que acabou de passar.

Covas diz que vai ao limite para convencer os correligionários de que a figura central do projeto do PSDB no momento é Fernando Henrique e não ele. Misterioso, diz que tem duas maneiras de convencer o partido: uma é fazendo justamente o discurso da inconveniência, mas a outra simplesmente não releva. "Não conto e pronto", avisa teimoso.

"O governo federal acabou de ser eleito outro dia, e é no mínimo um desrespeito com o eleitorado deslanchar o processo sucessório agora. Não aceito falar em candidatura porque, se o fizer, estarei implicitamente concordando com a tese de que o atual governo acabou."